

DELIRIUM TREMENS

à Janet

Só depois de sentar diante da máquina de escrever e notar que meus dedos não tocavam as teclas, como se todo o meu ser estivesse paralizado diante da vida que seguia desordenadamente; só depois de passar uma tarde inteira vagando pela Tijuca, buscando a mim mesmo já fragmentado pelas experiências que constituem meu passado; só depois de perceber a solidão de minha caminhada, com os homens absorvidos na contemplação de vitrines, sem palavras de revolta ou alegria, foi que pude compreender a sutileza da canção que deveria cantar o resto de minha existência.

A opção era única, e eu a descobri entre as pessoas de meu tempo. Foi numa tarde, sentado no teatro vazio, tendo ao meu lado uma bela mulher, enquanto no palco corriam cenas de uma peça que eu escrevera mas que não tinha nada de mim, servindo apenas para satisfazer o orgulho íntimo e dar a sensação de vitória numa época em que as derrotas, e só as derrotas, mantinham uma certa coerência entre si. Foi aí que senti o gosto absurdo da tragédia na boca. Foi aí que percebi a luta inútil que travara em busca da Grande Mentira que viesse sufocar a constante ebulição de meus passos. Porque a lucidez tarda, mas chega, nem que seja no momento derradeiro, quando toda a vida passada se oferece numa visão panorâmica. E todo homem percebe que a própria existência estava muito abaixo de suas possibilidades.

Mas o gosto amargo do fracasso veio procurar-me antes, numa poltrona de teatro, despertando o meu "Eu" adormecido. A angústia foi me possuindo aos poucos, eu destruí o que estava ao meu alcance, a mulher que me acompanhava partiu, deixando-me só, cercado de ruínas, quase soterrado pelos sonhos falsos que rasguei de cima a baixo. Mas nem ela, nem ninguém, poderiam perceber que era

destas ruínas que eu iria construir meu mundo, e só destruindo eu poderia ^{FAZER SURGIR} ~~construir~~ algo a minha imagem.

No entanto, eu não encontrava o caminho. E bem mais fácil era vagar pela noite em busca de um corpo para aquecer-me, que sentar diante do pôr-do-sol e confessar a mim mesmo a falsidade das coisas. Eu já não controlava a própria razão de minha existência, e as palavras jorravam com fúria desordenada, tentavam reestruturar-se através de fatos que não vivi jamais, buscavam escapar por linhas que eu não admitia e desmentia, vagando eternamente em busca da paz ilusória que caracterizava os homens de meu tempo. Eu não sofria com a solidão, mas no fundo sabia que era um homem só. E a angústia de ser amado sem nada poder dar em troca era pior que as decepções que me condicionaram ao refúgio.

Em minhas recordações havia sempre uma nostalgia incerta pulando de coisa para coisa. Os caminhos tortuosos da casa de campo, que eu percorria em sonhos e um belo dia descobri que não davam em nenhum lugar. O trem passando com homens algemados, e minha irmã a chorar porque lhe haviam roubado as conchas mais belas. O rio escondido, aonde eu pescava à tarde inteira, absorto na própria natureza, sentindo que eu realmente existia porque estava ali, de pé, ao sabor do vento vespertino que me trazia o rumor das Coisas. E porque eu era capaz de pensar com saudade na menina que havia ficado longe a me esperar. O Amor era a única coisa que me dava certeza da existência, e suas incertezas mais importantes que a decisão presidencial do Bombardeio de Hiroxima.

Pensava em tardes gastas nas caminhadas exaltantes pela mata, com seus segredos e ruídos que fôra incapaz de desvendar, mas que de noite me faziam companhia e acalentavam meu sono. E na flôr murcha que oferecera a uma garôta. Estava feia e marcada.

pelo tempo, mas ela sorria. E eu nunca mais encontrara, no resto de tempo que me foi dado a viver, a poesia contida naquele sorriso.

Pensava nas enchentes, minha tia desesperada, a casa tãda em polvorosa, e a água desvendando a misteriosa covardia dos adultos. E na emoção que sentira, não no primeiro beijo, mas quando o primeiro pássaro caiu varado por um tiro da espingarda que custou vários mēzes de economia. Eu voltara sorridente para casa, o bichinho ainda palpitante nas mãos, com o sangue manchando os dedos, e no rosto o sorriso de quem vencera a primeira batalha na vida. Mas Eles me censuraram, e corri para a Igreja, aonde um Deus poderoso e vingativo exigiu perdão pela vitória. E no entanto, já criança eu sabia que a realidade da vida não era o beijo, mas o sangue que escorria de minhas mãos.

Depois disso eu passara a ser um menino triste, sem saber como compreender as pessoas que me cercavam, e que eram profundamente estranhas em seus desígnios. Mas ainda existia o rio com peixes, e para lá corria tãda vez que sentia medo da vida. No silêncio da tarde, imerso em profunda paz de quem nada aspira, eu deixava a Natureza penetrar em mim e possuir-me em tãda a sua totalidade.

Pensava na prima que amava secretamente, e para quem contava minhas batalhas com dragões e monstros que assolavam as redondezas. Enquanto ela, tímidamente, preparava a mesinha aonde iríamos comer bolinhos de terra e pastéis de fôlhas verdes. Ali, naquêlo **primeiro** Amor, eu encontrara a paz integrada na totalidade de meu próprio ser, ~~apaz~~ da mesinha amarela e velha, de suas tranças e seu rosto de espanto pelas minhas façanhas. E pensava na Grande Paixão da infância, quando uma traição me mostrou precocemente a verdadeira realidade da Vida.

Disto tudo eu entendia. Entendia de pôr-do-sol e de escapadelas para a mata virgem, e portanto não podia compreender porque no presente crú em que existo, outras coisas, constituídas de matéria mais fria, estavam se desmoronando e marcando o final de uma Civilização.

Na origem da vida, em contacto com as fôlhas e terra, eu descobrira a realidade indestrutível e palpitante. Porque agora as coisas apodreciam ao meu redor? Havia cavalos em disparadas loucas, um horizonte colorido marcado pela tôrre da Igreja. Havia uma canoa que se oferecia diariamente ao roubo, tentadora pelas aventuras que poderia abrir. E um dia as cordas tinham sido soltas, nós corremos pelo rio em direção ao imenso mar, o mar que separava o sonho da realidade, capaz de destruir grandes expedições, mas ansioso em levar-nos, numa canoa furada, até o outro lado, aonde a praia vivia cheia de mulheres e frutas. A noite, em insônias seguidas, eu vencia todos os perigos, matava tubarões e sufocava um motim, tudo para chegar até aos braços daquela multa forte que eu vira num quadro de Gauguin.

Lembrava-me do meu coração sempre aberto às amarguras, e meu sofrimento precoce porque não podia conhecer as coisas, nem encontrar outro sorriso igual ao da menina a quem eu dera a flôr murcha. A noite em silêncio ao meu redor, a imaginação funcionando desesperadamente e criando mil companhias àquele menino só que olhava o céu através do carramanchão, enquanto as árvores a seu redor anunciavam o mistério das sombras e das ^{abelhas} ~~árvores~~ adormecidas. À noite, a floresta era insondável. Porque não queria ser possuída.

Eu entendia plenamente minha infância. Só não sabia porque havia caminhado até ela.

Sim, eu senti que não adiantava voltar a meu passado, pois a realidade dêle já estava poluída demais pelas transformações que o Tempo nos obrigou a aceitar. O que importava realmente era o momento presente, aumentando a cada instante o desespero da individualidade perdida, a condição humana submissa aos instintos animais. Cercado de ruínas, naquêle dia, eu chorei, e os homens se afastaram porque eu era um fraco. Tentei falar de amor, mas as mulheres riram em conjunto e pisaram sôbre meus olhos. Não é permitido chorar, rir, ou amar. Não existe ninguém nas ruas. As celas estão cheias e só se admite fuga para outra dimensão. E a construção de barreiras torna-se cada vez mais presente: vemos homens abrindo valas para enterrarem seus próprios cadáveres vivos.

Durante o tempo que me foi dado para viver eu busquei um caminho e me perdi entre as estradas que os homens construíram. Trocara a música dos pássaros pelo ruído dos automóveis, deixara o sol de lado para cantar a luz vermelha da boate, mas já era um ser desintegrado, já não podia cantar. E mesmo que cantasse, meu canto haveria de se perder por entre as trevas da noite, a mesma noite que hoje me revela, de súbito, sem nenhum aviso prévio, o mistério absurdo do Homem.

É noite agora, e o que eu quis compor foi uma cantiga de Amor para Ela. Mas só existem as coisas, o meu ser está frio. Minha arte, minha religião, minha vida, tudo se dissipou neste tempo em que permaneci sôbre a Terra. Já nem me resta mais a esperança de um dia vir a cantar o murmúrio do vento roçando em seus cabelos louros, o corpo vibrando ao som da exaltação Wagneriana. Pois até ela trás no rosto o sorriso de quem nada espera, e só acredita na fome e na morte. Até ela foi tragada pelas ondas da dissipação.

Na rua, a sós com a escuridão, contemplo os ruídos da vida. Sinto cada estertor, posso até ouvir a ~~ruí~~ seiva penetrando na árvore adormecida. A minha volta as construções humanas palpitam também, à sua maneira cristalizada. As coisas me envolvem e eu não sei como as olhar, são duras demais, me fazem encarar uma cruz que só se admite quando estamos longe dela, no país de sonhos que existe escondido em cada um de nós. Os edifícios se projetam como enormes mortalhas e ocultam o céu, as estradas asfaltadas cobrem sem pudor o campo de futebol infantil.

As coisas me envolvem e sei que é noite; é noite não porque o céu está escuro, mas porque o homem tem medo da luz. Fujo das Coisas e encontro o lirismo destruído pelos olhos das mulheres que amei. E não é esta a poesia que desejo, mas os versos absurdos de uma pedra contra o deserto imenso, descolorido, sem matices que possam significar alguma coisa. A beleza do sol caindo pelo espaço uniforme, as chamas crepitando contra o azul, a luz intensa cegando a quem se atreve a viola-lo com os olhos. Sim, amo a harmonia rude das coisas em conflito, pois trazem em si a verdadeira realidade deste mundo desintegrado. Sei que não há mais esperança no homem, que se consome em necessidades absurdas e esquece a ternura e a saudade; por isso volto às origens, quando tudo era água e terra virgem, as coisas se compreendiam e se integravam. Mas hoje em dia uma luta sem nexos marca nossos passos, porque é preciso lutar, por tudo e por nada, apenas para satisfazer o ódio latente que cada um traz em si, ódio de si mesmo, de sua submissão total à programação imposta por computadores quebrados.

E nestas horas, nestas horas em que os valores se invertem e as maçãs trocam de côr, a solidão me empurra até teus olhos, teus desejos, teu luar. Eu te amo, Síntese da Humanidade! É teu ser imerso em trevas, com o riso cínico se destacando tôdas as vêzes que falo de amor. Esta tua beleza quase perfeita, e mutável a cada segundo, com os cabelos louros brilhando mais que o aço frio de teu peito. Eu creio que estou perdido no meio de uma imensa máquina a esmagar minhas idéias, mas tu nem sequer idéias tens. E porisso não sofres, o momento presente é mais belo que o passado, as recordações são empacotadas e prontas para serem esquecidas. Se uma bomba explodisse sôbre teu sexo, haverias de morrer contente por ter sido poupada de tantos horrores. Nem sabes que andei por tôda uma cidade te buscando, esta noite, esta noite em que nem os homens mais fugitivos abandonaram suas celas. E volto para a mesma cama aonde estivestes dias antes, ouvindo minhas palavras sem senti-las, olhando meus gestos sem acreditares, com as armas engatilhadas e prontas para te defenderem de qualquer decepção.

Pois o que tu não podias conceber era a sinceridade do Homem; por mais que eu rasgasse minhas carnes te jurando Amor, o sorriso irônico não abandonou teus lábios. Mal sabias, porém, que eu te entregava minha própria alma, já meio corroída pelo mêdo, o mêdo que governa cada gesto dos sêres humanos, o mêdo de Deus, da Família, de seus próprios irmãos. O Mêdo que faz esta sociedade caminhar vertiginosamente para frente. E para baixo.

E quando provei o sabor de teu corpo incompleto Wagner rugia na vitrola, meus dedos caminhavam ternos pelos abismos da matéria incandescente com que foste moldada, a própria cidade foi esmagada pela intensidade do momento. A noite se eternizava no espaço.

Mas tu não acreditaste, pensavas apenas no fim, sem

se aperceber que nossa própria vibração era capaz de fazer vibrar o mundo, derrubando as paredes do quarto, mostrando que a chuva havia cessado e os corpos se projetavam nas ruas numa procura mútua daquilo que havíamos encontrado.

E mesmo sabendo que quando tudo terminasse tu haverias de rir, eu te amei até onde me foi possível, do teu fio de cabelo até a mais escondida recordação de tua infância. E tu me falaste que a carne era forte, temias apenas a fraquesa do espírito; tua parte humana havia sido sufocada. E nós saímos aquela noite com facas afiadas na boca, rendendo homenagens ao mundo que nem sequer parava para nos olhar guardando nossos corpos para momentos que talvez nunca viessem a existir, mas cuja esperança impediu a entrega total naquela noite. No entanto, o absurdo das coisas mantinha nossos fragmentos unidos.

Tu és ~~primeira~~ apenas mulher. Os amôres sufocados na infância - que a própria vida me ensinou a rejeita-los para um passado remoto - estes existem a cada momento que vivo, marcam cada mulher que passa por mim, me acompanham na solidão e intensificam os momentos belos. E são as recordações de outrora que constituem a parte mais ~~boa~~ pura de meu Ser, convivendo comigo nas constantes extasições diante da própria vida, me alimentando quando estou com fome, vigiando cada noite atirada ao mar. Também tu irás caminhar comigo, em lembranças, algum dia.

Mas agora tu existes, feita de matéria e com garras afiadas. Existe esta tua boca que rescende a ódio, mas sabe beijar. E existe a honestidade de tua autodestruição.

Teu vulto domina a noite sem dia em que me encontro. E veio a vontade de deixar às claras o espinho que penetra lentamente em minha carne, deixando uma esteira de sangue por onde passo. Outro dia, era de manhã, pela primeira vez me entreguei a ti. Estava num gigantesco teatro vazio, esperava o espetáculo começar e sem querer senti a necessidade de viver, ao invés de esperar, de sentir, ao invés de adormecer. Sentado no palco, com o violão fiel entre os braços, durante hora e meia cantei para teu vulto imaginário na platéia, recordando as horas de ternura que não tivemos, as palavras de amor que não me disseste, a morte da solidão que existe, soberana, em todos os nossos gestos. Naquela manhã, cansado e destruído pela noite anterior, eu me lembrei de ti. E só tua lembrança poderia chegar até mim, quando o Homem blha para a platéia vazia e imagina o que poderia estar fazendo no palco nú. Bem sei que não me ouvias. E no entanto, sem perceber, era ao meu soterrado coração que eu falava.

Mas tua lembrança desaparece, e as Coisas me dominam. No entanto, sei que daqui a pouco eu dominarei as Coisas, e não terei necessidade de separar-me delas. Sinto o corpo asfixiado pelo ar que me envolve, e o ar está poluído pelo cheiro das coisas mortas, que tento reviver a cada instante para aliviar êste presente desnorteado que se afasta de mim. Penso nas pessoas que acreditam nos outros, e sinto-me só, com o ódio a ferver dentro de mim. Mas tigo minharealidade atravessando os dias cobertos de solidão.

Morte e sangue marcaram a noite. Enquanto eu falava em Amor, o mundo era sacudido por transformações violentas e prematuras, com suas incoerências penetrando através de minha pele como visco, para impregnar-me também. Meus dedos correram sem

cessar pelo teclado, mas ninguém parou para ouvir-me ou consolar-me, meus passos se perderam sem qualquer objetivo.

Foi porisso que a voz das coisas me dominou esta noite, quando encontrei a Escuridão e cantei para ela meus versos desesperados. E quando ela partiu não consegui concentrar-me no sono, a madrugada foi surgindo lenta pela janela e veio encontrar-me a gemer e a chorar no leito, dançando uma valsa macabra e solitária, rasgando máscaras e destruindo ossos, sem conseguir integrar-me nem ser completamente arrazado. E de tãda a poesia só fica esta manhã cheia de indagações, as feras rondando e as formigas trabalhando, o grito de sangue penetrando em tãdas as portas.

Ville Kampf, 25/X/68